
**DO SOPRO DE VIDA À AMEAÇA DE MORTE:
UM ENSAIO SOBRE O RELATO DA CRIAÇÃO E O SARS-COV-2**

Emerson Mildenberg¹
Cristian França²

RESUMO

A origem do homem e do mundo são duas questões que ocuparam a mente do homem nas mais diversas culturas e tempos históricos. A existência do ser humano e das demais coisas que nos rodeiam sempre foi alvo de conceitos, explicações e ecos de interpretações e opiniões. Conceitualmente, o criacionismo é uma forma de explicação sobre a origem do mundo onde se busca atribuir a constituição das coisas à ação de um Criador. Sem dúvida, essa teoria ganhou espaço em diferentes culturas espalhadas pelo mundo e apareceu muito antes que o discurso científico viesse a tratar dessa mesma questão. Nos mais diferentes contextos culturais, temos a elaboração de um mito criacionista capaz de nos revelar interessantes concepções sobre a civilização que o produziu. O clímax da obra criadora de Deus foi a Sua criação extraordinária do homem. "E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente" (Gênesis 2:7). O Criador do céu e da terra fez duas coisas ao criar o homem. Primeiro, formou-o do pó da terra e, segundo, assoprou o Seu próprio fôlego nas narinas de Adão e isso distingue o homem de todas as outras criaturas de Deus. O fôlego de vida do Criador adentrou no primeiro homem o tornando "alma vivente". A respiração do Autor da Vida veio guarnecer o ser humano e, é assim que vivemos – respirando!

187

respirando em hebraico אָרָץ וְאֵלֶּיךָ

Em meados de fevereiro de 2020, o Brasil foi “apanhado” pelo SARS-CoV-2 (COVID-19) impactando drasticamente toda a população brasileira. O vírus que já era realidade noutras nações, aterrissa em solo “verde e amarelo” sem pedir licença e acaba por dismantelar absolutamente tudo o que estava em seu caminho. Pavor, desespero, medo, apreensão, dúvida, isolamento, prejuízos e luto!!! A respiração (fôlego de vida herdado do Criador) é o principal condutor do vírus para dentro do organismo. E agora? Como se esconder da contaminação? Como não se esquivar do perigo eminente? ... do fôlego de vida, à ameaça de morte”

Palavras-chave: Fôlego. Vida. Ameaça. Morte. SARS-CoV-2

¹ Professor de Teologia no Centro Universitário Filadélfia – UniFil.

² Advogado e Mentor Empresarial

ABSTRACT

The origin of man and the world are two questions that occupied the mind of man in the most diverse cultures and historical times. The existence of human beings and other things that surround us have always been the target of concepts, explanations and echoes of interpretations and opinions. Conceptually, creationism is a way of explaining the origin of the world where it seeks to attribute the constitution of things to the action of a Creator. Undoubtedly, this theory gained ground in different cultures around the world and appeared long before the scientific discourse came to deal with this same issue. In the most different cultural contexts, we have the elaboration of a creationist myth capable of revealing interesting conceptions about the civilization that produced it. The climax of God's creative work was His extraordinary creation of man. "And the Lord God formed man of the dust of the ground, and breathed into his nostrils the breath of life; and man became a living soul" (Genesis 2:7). The Creator of heaven and earth did two things in creating man. First, He formed him from the dust of the earth and, second, He blew His own breath into Adam's nostrils and this distinguishes man from all other creatures of God. The Creator's breath of life entered the first man making him a "living soul". The breath of the Author of Life came to garnish the human being and, that's how we live – breathing!

breathing in hebrew אָרָץ אֶרֶץ אֱלֹהִים אֱלֹהִים

In mid-February 2020, Brazil was "caught" by SARS-CoV-2 (COVID-19) drastically impacting the entire Brazilian population. The virus that was already a reality in other nations, lands on "green and yellow" soil without asking permission and ends up dismantling absolutely everything that was in its path. Dread, despair, fear, apprehension, doubt, isolation, damage and mourning!!! Breathing (breath of life inherited from the Creator) is the main driver of the virus into the organism. And now? How to hide from contamination? How not to dodge the imminent danger? ... from the breath of life, to the threat of death"

Keywords: Breath. Life. Threat. Death. SARS-CoV-2.

*“Ao transportar a respiração, a
inspiração
deve ser completa. Quando é
completa,
tem grande capacidade. Quando
tem
grande capacidade, pode ser
estendida.
Quando estendida, desce.
Quando desce,
traz calma. Quando traz calma, é
firme*

*e forte. Quando é firme e forte,
germina.
Quando germina, cresce.
Quando cresce,
sobe. Quando sobe, alcança o
topo da
cabeça. O poder secreto da
Providência se
manifesta acima. O poder secreto
da Terra
se manifesta embaixo.
Quem seguir isso, viverá. Quem
agir contra
isso, morrerá”*

Inscrição em lápide da dinastia zhou de 500 a.C.

189

“... e soprou em suas narinas o fôlego de vida...” – Gênesis 2:7 – Bíblia King James
Atualizada



Fonte: <https://cleofas.com.br/>

O livro do Gênesis desperta interesse! Começa de maneira abrupta e de verso em verso, deixa hiatos de magnitude metafísica, sem ao menos, deixar pistas para o mais perspicaz investigador. Mas se o leitor do Gênesis for obstinado para extenuar sua curiosidade e insistir em sua decodificação, verá que a mesma se multiplicará a cada linha, a cada palavra e frase

percorridas. Portanto, conclui-se que não há a menor possibilidade de lê-lo e compreendê-lo em um percentual que se aproxima da totalidade.

O Gênesis narra a visão desde a criação do mundo de uma perspectiva hebraica, contém genealogias dos patriarcas das Escrituras, e pelo prisma antropológico, à medida que se explora as páginas de relato da criação, à fixação do povo hebreu no Egito tendo por protagonista a figura de José. Claro que não há tempo e linhas suficientes para adentrarmos nos detalhes desse labirinto, mas, tão somente para não percorrer uma margem acentuada nessa grafia, registramos em epitome o esboço linear do Gênesis: relata o começo da criação com o período indeterminado em que Deus (neste âmbito chamado de Elohim) cria os céus e a terra a partir do nada (*ex nihilo*) ou das águas primordiais (*tehom/caos*). Depois descreve a transformação da criação em seis dias do caos até o estado de ordem que culmina com a criação dos humanos à sua própria imagem. O sétimo dia é santificado como um dia de descanso. Há uma “segunda criação” ou desenvolvimento na qual é relatado como Deus (aqui chamado de Iavé) forma o primeiro homem (Adão) da poeira e assoprando-lhe vida pelas narinas, plantando o jardim, formando os animais e pássaros e, finalmente, criando a primeira mulher, Eva, para ser sua companheira. Iavé tendo criado o jardim do Éden, manda que o homem o trabalhe e tome conta dele, permite que coma de todas as árvores exceto da árvore do conhecimento do bem e mal porque no dia que o homem dela comesse certamente morreria. Ufa!!! Agora desvendamos o Gênesis.... só que não!!!

190

Evidentemente não! Fosse assim tão simplório, não teria graça! Escrever sobre o Gênesis, requer certo “sexto sentido”, em virtude do que citei nas primeiras linhas desse artigo. Avocando a linguagem do autor da carta aos Hebreus (que não se parece com carta, mas com um discurso, um sermão, e com certeza não tem por autor o apóstolo São Paulo) em seu capítulo onze, verso trinta e dois, onde se lê: “E que mais direi? Certamente, me faltará o tempo necessário...” (Hebreus 11:32 – ARA), quero aludir exatamente as últimas palavras registradas a pouco: “... me faltará tempo necessário...”; não temos tempo no presente artigo para explorar os pormenores e as minúcias quanto a autoria, data, geografia, costumes e todos os correlatos resultantes dos demais componentes do Gênesis.

Destarte, convido você, caro (a) leitor (a) a lançar seus olhos sobre o capítulo dois, verso sete: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” – Gênesis 2:7 – ARA.



Fonte: <https://contandoabiblia.wordpress.com/>

Na língua original, “formou” é “yasar”. Esse mesmo vocábulo é usado para indicar a formação de um vaso por uma espécie de oleiro (apelo novamente para o autor misterioso de Hebreus – ‘... me faltará tempo necessário...’). As cosmogonias antigas aceitavam literalmente a questão e retratavam os poderes divinos a tomar literalmente uma massa de argila para formar não somente o homem, mas até os animais, com o *modus operandi* da doação da vida; quanto ao “pó da terra” (hebraico adhamah – palavra cognata). Na verdade, “pó da terra”, parece ser um jogo de palavras, porque “homem” em hebraico é “adham” e é essa palavra que deu o nome genérico à raça humana, homem, ou seja, um ser formado do pó da terra. O primeiro homem foi chamado Adão, outro termo cognato, que veio a tornar-se seu nome próprio. O poeta oral grego do século VIII a. C., Hesíodo, oferece-nos um quadro similar em sua cosmogonia, onde ele diz que o pó da terra foi misturado com água, a fim de formar a argila. Intrigante, não acha? Ah... quase esqueci... Gênesis também relata por suas páginas carregadas de mistérios, que Elohim, é o Todo Poderoso, que Yahweh, é sabedoria e habilidade e suas obras refletem sagacidade e desígnio – parece, que de fato, Gênesis deixa nas entrelinhas a debilidade humana. O homem, não foi feito das rochas, nem de minérios ou de metal, mas do pó da superfície do planeta, muito leve, efêmero, frágil e que qualquer vento pode tanger.

Isto posto, voltemos nossa atenção para o centro do texto, segundo minha exegese – “... e soprou em suas narinas...”! Fantástico, estupendo, assombroso e inaudito texto!

Vamos lá! O Autor da Vida animou uma “estátua” por assim dizer, conferindo-lhe a energia divina (aqui quero provocar você, caro (a) leitor (a) com uma fagulha de quântica, mas sem se alongar e deixar um gostinho em seu sentido palatável de querer degustar sobre isso numa próxima reflexão). Aquilo que era apenas uma “estátua de argila” agora tornou-se um ser vivo, já equipado com todos os sistemas necessário à vida biológica, à reprodução e ao senso de bem estar. O decreto divino continuou, portanto, a ser a origem de tudo. Não é antecipado nenhum processo evolutivo. O sopro do Autor da Vida é espírito, e espírito é vida. Todavia, não parece haver aqui nenhuma referência direta ao Espírito de Deus como agente de criação, conforme lemos em Gênesis 1.2, mas, “... *me faltará tempo necessário...*”.

Dentre tantos símbolos que encontramos nas Escrituras Sagradas, o fogo, o vento e a água possuem uma lata robustez, e quase sempre há milagres nos contextos próximos e mais distantes quando os mesmos são mencionados. Quando verificamos tais elementos, observamos possibilidades, respostas, feitos, transformações, enfim potência! Tudo o que vive, oriundos de força criadora e criativa, de sua imprevisibilidade, da capacidade de constituir perspectivas, saúde e beleza, esses elementos estão envolvidos. São símbolos do movimento constante e do fluir silencioso dos processos de consumação da vida.

No do Gênesis, “a Ruah de Deus (em hebraico, Ruah é feminino) pairava sobre as águas”. Poético, não acha? Trata-se de uma bela imagem da matriz ou útero originário fecundo de tudo quanto existe. Tudo é amorosamente acolhido, fecundado, gestado, carregado neste grande ventre cósmico que podemos chamar divino: “Deus”! Alento, sopro, vento, respiração, força, fogo... com nome feminino que fala de maternidade e de ternura, de vitalidade e carícia. Seu calor gera harmonia no caos, realça a beleza e originalidade de cada criatura, dando a cada um seu lugar, o espaço que necessita para potencializar seu ser. Nessa relação adequada, cada erva, cada montanha, cada ser que vive, tem seu lugar, sentido e propósito.

Em Gênesis 1.2, está escrito: “...e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas” – Gn 1.2b – ARA. “Pairava” pode ser traduzido também por “vibrava”, ou seja, tudo vibra no universo: vibram as partículas e vibram os átomos, vibram as estrelas e vibram as galáxias, vibram os seres humanos, vibram o canto e a dança. Cada som é vibração e também o silêncio é vibração. O coração de cada ser, pequeno ou grande, pedra, planta ou animal está vibrando. A vida é uma vibração!

O Espírito que “pairava” sobre as águas é a imagem da vibração divina que habita e se move no coração de tudo quanto existe. O Espírito é a respiração universal. Tudo é energia, movimento, relação, e daí brotam maravilhosamente todas as formas de todos os seres, como de uma misteriosa matriz materna. E o Espírito sempre está presente silenciosamente, como Aquele que vincula e une, como Aquele que tece de forma constante como que uma rede que faz crescer, como Aquele que repara os tecidos que um dia se fragmentaram e se fenderam do tecido único de onde confluem todos os fios da vida.



Fonte: <http://antiphonarium.blogspot.com/>

A monja alemã beneditina e doutora da Igreja do segundo século, Hildegarda de Bingen, personalidade muito citada, mas de fato pouco conhecida pelo grande público moderno, rompendo as barreiras dos preconceitos contra as mulheres que existiam em seu tempo, se tornou respeitada como uma autoridade em assuntos teológicos, afirmava que o Espírito é “vida da vida de toda criatura”.

Podemos, dessa maneira, prezado (a) leitor (a) declarar que cada dia é o primeiro dia da criação e porque não, cada instante é o princípio! Vivemos em um movimento constante e o Autor da Vida está em constante movimento e não estático, inerte ou em repouso. A criação está acontecendo e renovando-se a cada instante e uma energia profunda e criativa nos acompanha, nos anima e nos move. Estamos sendo criados e não estamos prontos ou abandonados, não estamos condenados a um plano predeterminado e frio. Em tempos de pentecostes é bom recordar e dizer a nós mesmos: “Somos criaturas, estamos sendo amorosamente criados(as) e impulsionados(as) a criar e assim, renova-se a esperança”.

Destarte, quando contemplamos nosso entorno e a rotina da vida, sob esse prisma, certamente suscita força em nosso íntimo que nos move a confiar, a esperar, a respirar! Que tal se exercitarmos tal contemplação pelo seguinte processo: a realidade inteira animada e fecundada sem cessar pelo Espírito do autor da vida; a realidade inteira carregada de infinitas e novas possibilidades, repleta de infinitos.

O sopro do Autor da Vida é o símbolo do Seu poder onipotente, o portador da Sua palavra criadora. Entendemos que é a operação de Deus é ativa, é o fluxo irresistível do Seu poder.

Vamos retomar Gênesis 2.7? Me siga, por gentileza:

“E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” – Gênesis 2:7 – ARA.

Convido a adentrar nesse painel a última parte do verso: *“...foi feito alma vivente”*.

No hebraico, *“nephesh”*. Os intérpretes debatem-se diante dessa palavra e as controvérsias florescem por causa dela. Essa palavra significaria que o homem, a criatura de argila, agora fora dotada de uma alma imaterial, que garantia sua sobrevivência diante da morte biológica, em sobrevivendo tal evento? A maioria dos eruditos, porém, concorda que o versículo não contempla a parte imaterial do homem. Notemos que os animais irracionais também são seres vivos (1.24). No hebraico, temos exatamente a mesma palavra, ali e aqui. É bem possível que os animais irracionais também possuam alma, embora não seja provável que o autor sagrado tenha antecipado isso. Naturalmente dentro, da história do termo *‘nephesh’*, essa palavra veio a incorporar a ideia de alma. A criatura viva é agora possuidora de uma alma imaterial. Mas esse conceito já pertence ao judaísmo posterior. Mesmos os mais antigos

eruditos conservadores admitem que não há aqui nenhuma tentativa para fazer do homem um ser dualista. A palavra alma não contém nenhuma ideia de existência espiritual, pois tanto em 1.20 – seres viventes, quanto em 1.24 – seres viventes, literalmente, temos almas viventes.

Neste encadeamento, é pertinente referenciar com a criação do homem no sentido mais estrito da palavra, ou seja, um ato imediato de Deus. Quando observamos o registro do Gênesis: “*Criou Deus, pois, o homem...*”, somos provocados a pensar nalgumas das expressões utilizadas na narrativa de contexto que indica uma criação mediata em algum sentido da palavra. Notemos as seguintes colocações: “E disse: produza a terra relva, ervas que deem semente, e árvores frutíferas que deem fruto segundo a sua espécie”; “Povoem-se as águas de enxames de seres viventes”; “Produza a terra seres viventes, conforme a sua espécie”. Observamos como o autor do Gênesis registra a criação do homem, como mencionado a pouco “*Criou Deus, pois, o homem...*”.

Evidentemente, a obra de Deus na criação do homem não foi mediada em nenhum sentido da palavra. Ele fez uso de material preexistente na formação do corpo humano, mas, já na criação da alma, isto foi excluído. Destarte, em distinção das criaturas inferiores, o homem foi criado conforme um tipo divino, ou seja, no que diz respeito aos peixes, às aves e aos animais, lemos que Deus os criou segundo a sua espécie, numa forma típica da deles próprios. O homem, porém, não foi criado dessa maneira e muito menos segundo o tipo de uma criatura inferior. Quanto ao homem e de acordo com o Gênesis, “disse” Deus: “Façamos (solene conselho divino) o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”. Algo que verificamos em todo o processo criativo de Deus, são os dois elementos, a saber, corpo e alma, sendo o primeiro formado do pó da terra (Deus usa em sua produção, um material preexistente) e o último, cujo qual é o centro da presente escrita, o sopro, ou ainda espírito (de acordo com a língua original – hebraico) de vida da parte do autor da vida. No contexto do Gênesis, significa simplesmente “ser vivo”.

Quero convidar você, prezado (a) leitor (a) a adentrar comigo noutra ambiente, a saber, a passagem do ano de 2019 para 2020.

Quando soou o primeiro minuto no relógio de 212 milhões de brasileiros para o ano novo de 2020 (fuso do Distrito Federal), o espírito de renovação e todo o entusiasmo de zerar o placar e recomeçar tomava conta de todos nós. Abraços, gratidão pelo ano que acabara de

terminar, sonhos renovados, projetos sendo tirados da “gaveta”, metas, alvos e objetivos voltam a figurar no palco da existência de milhares e milhares de pessoas, lágrimas e sorrisos, esperança de dias melhores a florada nos olhos de cada pessoa! Assim foram os primeiros minutos de 2020. Não havia, neste cenário, nada de novo quando comparado as festas de réveillon de anos anteriores. Logo após as festividades e encontros entre familiares e amigos, festas, bebedeiras e manjares sem igual, o foco foi a programação financeira – IPTU, IPVA, imposto de renda, material escolar, cartão de crédito, etc., etc., etc.

Ninguém imaginava (com ligeira exceção à comunidade científica) que no dia 26 de fevereiro do mesmo tão aguardado 2020, em São Paulo, teria o primeiro caso confirmado de infecção da COVID-19. Quase que imediatamente, começaram as primeiras ações governamentais ligadas à pandemia da COVID-19, com a repatriação dos brasileiros que viviam em Wuhan, cidade chinesa epicentro da infecção. Desde então, a pandemia e as ações governamentais foram variadas, com reduções e aumentos no número de casos, medidas como *lockdown* e tantos outros dividendos de uma situação que em pouco tempo se tornaria caótica.

196

Lembra do autor de Hebreus e o capítulo 11.32? “... me faltará tempo...”! Quero apelar ao texto bíblico novamente neste caso, porque não teríamos tempo para registrar um traço de linha do tempo da COVID-19 no Brasil – *lockdown*, vacinas, institutos de pesquisas, economia, óbitos, mídia, *fakes*, embates políticos, ministério da saúde, prejuízos, dentre outros correspondentes.

Voltemos ao foco...

Grosso modo, é sabido que a transmissão do novo coronavírus ocorre, principalmente, de pessoa para pessoa e seu período de incubação, que é o tempo para que os primeiros sintomas apareçam, pode ser de 2 a 14 dias. As mais identificadas formas de contágio de acordo com pesquisas científicas é por meio de gotículas de saliva, espirro, tosse e contato pessoal próximo. O contágio é diferente de pessoa para pessoa, como por exemplo, grupos de risco, apresentam maior chance de desenvolverem a forma mais grave da doença e ainda pessoas com imunossupressão, doenças cardíacas, pulmonares, entre outras. Pesquisas buscam explicar por que a gravidade da covid-19 varia tanto entre as pessoas. Entender como o vírus invade o corpo e como ele se defende ainda é motivo de investigação pela comunidade científica.

Do que se tem certeza, é que o vírus adentra pela via respiratória (quando se inspira) e, uma vez, instalado no organismo, se multiplica dentro do nosso nariz e outras partes do sistema respiratório de forma despercebida. Essa fase é chamada pré-sintomática ou de incubação. Nela, apesar de ainda não haver sintomas, indivíduos contaminados são capazes de infectar outras pessoas porque tornou-se um hospedeiro da SARS-CoV-2. Com o passar dos dias, o coronavírus se espalha e o corpo reage a essa invasão. Nesse período podem surgir os primeiros sintomas, — febre, nariz escorrendo (coriza), dor de garganta e tosse, muito semelhantes a um resfriado comum. Mesmo nessa fase, algumas pessoas não desenvolvem nenhum sintoma da infecção: são os chamados casos assintomáticos, que também parecem poder transmitir a covid-19, apesar de não sabermos com que frequência isso ocorre. Na maior parte das vezes, o sistema imune consegue combater o vírus de forma eficaz. Por isso, a maioria das pessoas apresenta apenas sintomas leves e recuperam-se após alguns dias. Entretanto, em alguns casos, o vírus consegue chegar aos pulmões provocando sintomas graves, como falta de ar (atente-se para esse fato) e, conseqüentemente, menor oxigenação dos órgãos do nosso corpo. Tudo isso pode ser fatal. No pulmão, o vírus inicia uma inflamação grave, que ataca principalmente os alvéolos.

197



Fonte: <https://altadiagnosticos.com.br/>

Os alvéolos são pequenos sacos de ar que ficam dentro dos pulmões e são responsáveis pela troca gasosa, ou seja, levam oxigênio ao sangue. O nosso corpo reconhece o vírus como

uma ameaça e inicia o processo de combate a esse microorganismo, chamado de inflamação. A inflamação nos alvéolos leva ao preenchimento desses sacos de ar com líquido, prejudicando a troca gasosa. Assim, nosso sangue não recebe oxigênio suficiente. Além disso, não consegue eliminar o gás carbônico, que é tóxico em grandes quantidades. Tudo isso causa a falta de ar! Nesse estágio, são necessários cuidados médicos imediatos.

Além disso, a inflamação no pulmão também o fragiliza, favorecendo a entrada de bactérias. Dessa forma, duas doenças podem se sobrepôr: a covid-19, causada por um vírus, e uma pneumonia causada por bactéria, piorando ainda mais o quadro.

Agora que pudemos explorar um pouco todo o processo de infecção, retomemos parte do título deste artigo: “... À AMEAÇA DE MORTE”.

Você, estimado (a) leitor (a), não acha interessante como se deu a criação do ponto de vista bíblico como já abordamos na presente escrita e como o vírus infecta via respiração? De maneira simplista, e até mesmo ordinária, o antídoto mais eficaz para não ser infectado pelo novo coronavírus é NÃO RESPIRAR. Como assim? Não respirar? Sim... não respirar!

198

Por isso, deixei registrado que é uma maneira “ordinária” de considerar o contágio pela COVID-19.

Isto posto, avancemos...

O Autor da Vida deu ao homem a vida por meio de Seu sopro e é por meio da respiração que o mesmo homem é infectado por vírus e tantas outras bactérias e doenças que se desenvolvem no organismo. Permitamos nos alastrar para vanguarda no que tange ao pecado original, que, a propósito, é o elemento abstrato, porém, concreto (okay, estou certo do oxímoro presente) causador de todos os correspondentes deploráveis da humanidade – “... me faltará tempo necessário...”.

Não há nada mais essencial para a nossa saúde e bem-estar do que a respirar. Apesar disso, a espécie humana na pandemia e pós pandemia, deixou de respirar de maneira natural e espontânea, devido ao medo, desconfiança de quem está por perto, a periculosidade e vulnerabilidade que expos todos (as) ao mesmo perigo. Para imprimir um condimento na presente escrita, gostaria de aludir uma ciência antiga que possui mais de cinco mil anos e que seu objetivo principal é unir o corpo, a mente e o espírito, possibilitando que o homem se reconectem com sua essência verdadeira. Refiro-me a yoga! A palavra yoga tem sua origem no

sânscrito, língua antiga da Índia e Nepal, e sua raiz é “yuj”, que significa “unir” ou “integrar”. Mas o real significado do yoga traz a ideia de união e reintegração do corpo com a mente, levando ao equilíbrio do ser, e também a forma através da qual se pode atingir o estado mais elevado da existência.

Esta ciência antiga, possui pelo menos três tipos de respiração que são usadas como técnicas com o desígnio de trazer equilíbrio físico e emocional para seus praticantes. Independentemente das técnicas de ciências alternativas, a ameaça e possibilidade de se contrair o SARS-CoV-2 e desenvolver uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus, potencialmente grave e de elevada transmissibilidade é totalmente possível. A proximidade com outros que estejam infectados e acabam tossindo e/ou espirrando, liberam fluido que contém o vírus e que os demais no mesmo ambiente, ao respirar, são igualmente contaminados. Isso independe se são pessoas que conhecem ou até mesmo praticam técnicas de respiração. Claro que há outras formas de propagação do vírus, mas o foco principal aqui é a respiração.

Uma ação tão simples e natural, a respiração, que foi duramente prejudicada e tornou-se um dos condutores da covid-19 lembra o quanto o homem é frágil. Mesmo tantas vezes pensando ser indestrutível com seu pedantismo e consequente centralização em si mesmo, a covid-19 mais uma vez, reiterou sua finitude. O rastro de morte, de medo e de paralisação social que esse pequeno ser acelular impôs ao ser humano foi um duro golpe contra a ditadura do narcisismo humano. Nessa perspectiva, abrem-se caminhos de espiritualidade que devem conduzir o indivíduo para fora de si mesmo, para a transcendência e um encontro real com o Autor da Vida.

Uma vez o homem logrando uma experiência real com o Criador, tem a oportunidade de alimentar-se de uma vida que não cessa, que pulsa e o encoraja a continuar. O encontro com um potencial término da vida nesse planeta por meio de uma pandemia, convida o homem a trilhar um itinerário interior, ou seja, uma busca reflexiva por meio da meditação, da oração e de um diálogo com o Autor da Vida. Não menos importante, para além de nossa fragilidade, a pandemia nos fez recordar quanto a dependência. Somos seres mutuamente dependentes. Ninguém pode cuidar-se sozinho em um hospital ou em um estado de ameaça iminente de morte. Dependemos do Criador, de Seu sopro de vida, de Sua assistência, de Seu amor e compaixão, de Sua atenção e de Seus olhos voltados para nossa pequenez e insignificância.

À medida que a pessoa vai crescendo e se desenvolvendo física e mentalmente, projeta sua independência nas esferas de sua vida que marcha rumo ao desconhecido, porém desejável.

Independentemente de sua crença no divino ou não, é impossível o homem negar seu íntimo espiritual (cujo qual é provado por algumas vias científicas). O homem precisa do Criador, mesmo não reconhecendo isso publicamente. Somos alma e corpo e não há como hastear a bandeira de incredulidade ou de uma existência sem sentido como erigida tantas vezes por meio de filosofias e nuances conceituais.

Quando o homem se vê ameaçado pela morte, imediatamente sua resistência, objeção e relutância pelo divino se segmenta e se desintegra. Concomitantemente ele, ainda que em silêncio, vindica, suplica e demanda mais uma chance, mais um tempo para os seus, mais anos de vida na Terra, e, isso, comumente, o homem expressa quando se depara com a morte.

O SARS-CoV-2, deixou a humanidade (guardadas as devidas exceções) em polvorosa! Insegurança, periculosidade, receio, vulnerabilidade, risco e tantas outras incertezas rondaram toda a população mundial.

Eis a estrutura do homem – pó, como está escrito no livro dos Salmos: *“Porquanto Ele conhece a nossa estrutura, lembra-se de que somos pó”* – Salmos 103.14 - Bíblia King James Atualizada.

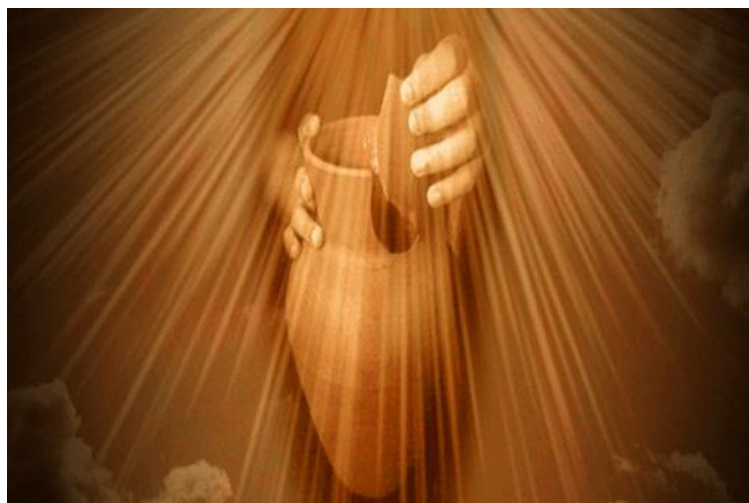
Há uma infinidade de textos nas Escrituras Sagradas que mostrará a mim e a você, prezado (a) leitor sobre a finitude da vida e o quanto somos frágeis e breves na vida terrena.

Talvez, você esteja pensando conjuntamente sobre um antídoto (não estou nem pensando em tratamento precoce) ou algo semelhante para continuar respirando e prosseguindo com seus afazeres e toda sua agenda onusta de compromissos, incumbências e responsabilidades. Que cansaço, só de pensar!

Depois de Cristo, o Autor da Vida (Aquele que soprou o fôlego de vida, lembra?) concedeu orientações preciosas por meio de sujeitos que respiravam, ou seja, humanos, de carne e ossos, como eu e você, mas que foram “iluminados” (comentaristas das Escrituras usam a nomenclatura – inspirados) por Seu Espírito Santo para registrarem verdades absolutas, inegáveis e transformadoras para todo e qualquer ser humano que se permitir ser tocado (a) por essas verdades. Uma delas, encontradas em Teologia Sistemática, diz respeito a Regeneração.

Está comigo? Que bom! Prossigamos...

Regeneração é uma expressão que se origina na língua grega, a saber, “polingenesia” e possui um conceito bastante amplo, podendo significar “novo nascimento” (Evangelho de João 3.3,4), “gerar de novo” (1 carta de Pedro 1.3), e “nova criação” (2ª carta de Paulo aos Coríntios 5.17; e carta de Paulo aos Gálatas 6.15).



Fonte: <https://ebdcomentada.com/>

201

A polingenesia (regeneração) é uma transformação que ocorre no coração daqueles que foram salvos através das obras de Cristo e Sua morte expiatória (expiatória?), sim, expiatória e não tem nada a ver com espionar, mas, “... faltaria tempo”, para falar sobre isso agora!

A verdade da condição sem esperança do homem implica que esse “nascer de novo” ou “regeneração” não pode ser estabelecido por alguma obra do homem ou pelo poder da vontade do próprio. De certa forma, isto já é suficientemente explicitado na própria expressão – regeneração. Assim como nenhum homem pode ser a causa eficiente do seu nascimento natural, tampouco pode ser a causa eficiente do seu segundo nascimento ou concepção espiritual. O ser humano não pode renovar a si mesmo! No evangelho de Lucas, está escrito: Jesus lhes asseverou: “*Tudo o que é impossível aos seres humanos é possível para Deus!*” – Lucas 18.27 - Bíblia King James Atualizada.

O Autor da Vida (Deus) é capaz de criar no homem um novo coração, puro e renovar neste mesmo homem um espírito aprumado com Sua perfeita vontade. Esta é uma ação pujante, soberana e intensa, que faz que este homem, cujo qual é frágil e está à mercê de tantas ameaças que lhe cercam que não há como resistir. Uma vez a regeneração sendo concebida e

concretizada, recupera, retifica e revitaliza a esperança na caminhada deste homem. O Senhor da vida concede um novo “fôlego”, uma nova “respiração”, cuja qual, é resistente, firme, constante, sólida e musculosa, cheia de esperança e certezas.

A regeneração, portanto, é a obra de Deus por meio de Cristo e Seu sacrifício na cruz. Sua misericórdia desprende o ser humano das incertezas, do medo e da ambiguidade da vida. Seu projeto e Seu interesse, é que o homem ameaçado e que a todo o momento corre riscos, é que possa voltar ao seu estado original – “... e soprou em suas narinas o fôlego da vida...” – Gênesis 2:7 – Bíblia King James Atualizada.

Por conseguinte, essa regeneração é mediada através da ressurreição de Cristo dentre os mortos, pois não somente é essa ressurreição, o fundamento jurídico para a regeneração e a certeza da salvação, bem como, o princípio da regeneração de todos os que O receberem como seu Senhor. Cristo, em sua ressurreição não retornou à terra (cheia de ameaças e riscos) mas foi vestido com uma vida eminente e celestial. Destarte, assim, os homens que passarem pela ordem da regeneração, receberão o princípio de uma nova vida, a mesma vida com a qual Cristo foi provido. Essa regeneração é também o princípio de uma esperança viva, que se desenvolve na esperança da realização e revelação futura de uma salvação completa. O regenerado (a) se tornou peregrino na terra, pois recebeu o princípio de uma vida celestial e indestrutível. Em virtude deste princípio, ele não se sente ameaçado, ou tímido concernente aos desafios rotineiros, porque sua certeza está em Alguém superior, que lhe cuida, lhe tutela e lhe resguarda para que tudo chegue ao seu devido lugar.

202

Na primeira epístola do apóstolo João, capítulo cinco, verso um, está escrito: “Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, é nascido de Deus; e todo aquele que ama o Pai, de igual modo, ama também o que dele foi gerado” – 1 João 5.1 – Bíblia King James Atualizada.

O apóstolo instruindo os fiéis, possivelmente Ásia Menor (atual Turquia), afirma que o homem que é nascido de Deus, não vive na prática do pecado, porque a semente de Deus permanece nele – ver 1 João 3.9.

O homem nascido de novo tem a “semente” espiritual (um poder vivificador e crescente) em seu eu interior e que isso faz com que a pessoa não viva continuamente pecando. Não se trata de levar uma vida perfeita, master um padrão de vida que não corresponde à prática constante do pecado. Devemos observar que João diz que isso acontece com todos aqueles que

verdadeiramente nasceram de novo – ninguém que é nascido de Deus, continuará a pecar. Um resultado específico (entenda fruto) da regeneração (nascer de novo em Deus por meio de Cristo Jesus) que se verifica na rotina da vida, é o amor genuíno e semelhante ao de Cristo, que não se poupou, mas se expos em cumprimento ao propósito que Lhe cabia. Outro resultado (fruto) é vencer o mundo – 1 João 5.3,4. Uauu!!! Entretanto precisamos entender algumas concepções, a saber:

- Vencer o mundo não é um acontecimento isolado na vida, mas vários momentos no decorrer da vida que definem uma eternidade;
- Vencer o mundo não é uma invasão global, mas uma batalha particular e pessoal, que exige combate corpo a corpo com nossos inimigos internos;
- Vencer o mundo não significa que temos de viver enclausurados, protegidos das injustiças e das dificuldades da vida, mas significa que ganharemos mais compreensão sobre a fé, aproximando-nos do Salvador e de Suas promessas.

O apóstolo João explica que a regeneração nos dá capacidade de vencer os apertos e as tentações do mundo e que de outro modo, não seria possível obedecer aos mandamentos de Deus e seguir seus caminhos. João afirma que venceremos essa pressão e, portanto, não será “pesado” enfrentar tantos desafios do cotidiano (nem mesmo a COVID-19 e seus efeitos). Na verdade, João proclama que uma vez nascido de novo, vencemos o que se coloca em nosso caminho, sem pecar, mas na certeza de que a semente de Deus, em nós intensifica o triunfo nas frentes da vida que assim reclama.

Pela ótica exegética da perícopa joanina supracitada, há tantas outras integralizações de verdades indubitáveis sobre o texto sacro, mas, quero pôr em relevo os elementos acima a título de dignificar o novo nascimento na vida do homem.

João quer evidenciar o novo nascimento e suas consequências categóricas e profícuas na vida daqueles que são regenerados. Uma vez a regeneração sendo genuína, o indivíduo necessariamente irá crer que Jesus é o Cristo e se afastarão de tudo aquilo que não está em harmonia com Sua perfeita vontade, bem como, terá dentro de si o poder e virtude nos enfrentamentos da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em plena Segunda Guerra Mundial o ilustre teólogo Dietrich Bonhoeffer (1906 – 1945) se deu conta de que, diante da dor e morte dos inocentes, haveria a necessidade de falar de Deus a partir de uma linguagem não religiosa. Em sua concepção, determinadas nomenclaturas religiosas com base em um Deus metafísico, não tinha predomínio em justificar o mal entranhado na humanidade. Bonhoeffer, denunciava profeticamente o comportamento de buscar o divino apenas quando tudo vai mal, transformando Deus em um “tapa-buraco”.

A pandemia do coronavírus rompeu uma série de reações religiosas e psicológicas deturpadoras do essencial. Anos antes, chegamos a acreditar que o grande adoecimento do sec. XXI seria a depressão, entendida como a exaustão do próprio eu, o cansaço de si mesmo, o infarto psíquico da própria imagem, causado pela corrida frenética de sucesso e bem-estar pessoal. Não é que o que o mundo viveu e tem vivido; evidenciamos o comportamento das pessoas de medo e exclusão ao próximo. Se com a depressão o grande inimigo do homem era a sua própria imagem (o eu), com a COVID-19 o próximo é quem se apresenta como “novo inimigo” e quem devemos evitar. O valor sagrado da alteridade, é colocado em xeque. Com vistas a sair desse labirinto, precisamos sim obedecer ao que as autoridades e comunidade científica propõem para, dessa maneira, respeitarmos a nós mesmos e aquele que está no entorno. Assim mostramos na prática a verdadeira alteridade.

204

No Gênesis capítulo dois, verso sete, como já visto no começo da presente escrita, observamos a criação do homem pelo Autor da Vida e Seu sopro que lhe concedeu existência.

A palavra formou é uma tradução do hebraico *yatsar*, que significa "moldar, dar forma ou criar". Evoca a imagem de um oleiro que tem a inteligência e o poder de formar a sua criação. Deus é esse Oleiro Mestre que tinha a imagem do homem em Sua mente e que possui o poder e a inteligência para dar vida a essa imagem. Deus soprou o Seu próprio sopro de vida no homem, fazendo do tal mais do que pó ou substância física. Antes do sopro de vida de Deus, Adão não passava de um “protótipo” sem vida, mas o Autor da Vida “sopra” sobre esse protótipo Seu próprio fôlego transformando-o em alma vivente!

O homem (Adão) é um ser animado, que respira, consciente e vivo. A COVID-19 danifica, lesiona, deteriora e golpeia a respiração do enfermo levando a sérios prejuízos ou à morte.

O sopro de vida, tornou-se ameaça de morte pelo Sars-CoV-2 tornando a vida em todos os continentes um verdadeiro pandemônio. O retorno das pessoas de maneira geral ao Ser transcendente, metafísico, foi imediato e explícito em tempos de pandemia. Homens e mulheres que nunca haviam destinado ou nutrido tempo para reflexão espiritual por meio da leitura e/ou programas de TV aberta ou paga, ou ainda pela internet e suas ferramentas, se permitiram despertar para Deus, para a fé e para a oração. Aqueles que se auto afirmavam ser religiosos não praticantes, na pandemia, empreenderam disciplina e abriram o coração para buscar a presença do Deus criador num momento de apreensão, temor, ameaça e pânico. Milhares de pessoas perderam familiares, amigos ou conhecidos e o Sars-CoV-2, causador da Covid-19, perpassou fronteiras, classes sociais, raça, cor, crença ou incredulidade. Foi devastador!

Ficou provado que o homem (leia-se ser humano) é frágil, vulnerável, tênue e suscetível em sua jornada de vida na Terra, e, que demanda do poder, do livramento e da redenção de Deus que, Lhe soprou em suas narinas, o fôlego da vida. Entretanto, esse mesmo homem, deve saber muito mais que buscá-Lo em tempos de pandemia ou de qualquer outra necessidade, é viver em Sua companhia. O homem precisa de conversão e regeneração.

A regeneração é um ato completamente de Deus, e uma demonstração de Sua onipotência. É o mesmo tipo de onipotência que Deus exerceu quando, por Sua palavra de comando, Ele criou o universo. Se é requerido um poder onipotente para criar o universo e soprar vida em um arquétipo (refiro-me a Adão) é requerido o mesmo poder onipotente para ressuscitar aqueles que estão espiritualmente mortos. É este poder divino e onipotente que Deus exerce na regeneração quando — por Seu Espírito Santo — Ele ressuscita um pecador da morte espiritual, fazendo-o uma nova criação. Pela pessoa e agência do Espírito Santo, Deus regenera ou dá o novo nascimento à alma (espiritualmente morta). Este novo nascimento é operado no homem separado Dele pela obra onipotente do Espírito de santidade. Este é um ato divino e onipotente; portanto, segue-se que aquele que está distante de Sua presença não pode fazer absolutamente nada para assistir em sua produção.

A regeneração da alma é exclusivamente obra do Autor da vida. Ela não é de forma alguma atribuível ao desejo ou esforço do ser humano caído e espiritualmente morto. Regeneração não é uma mudança de mente ou propósito engendrada pelo próprio homem separado de Deus. Também não é uma determinação da parte deste homem para escolher Deus ou a santidade, antes do que os prazeres imediatos. A humanidade caída e não-regenerada está espiritualmente morta. Aqueles que são espiritualmente mortos não podem ter nenhum desejo pelas coisas do Espírito, ou pelo Autor da vida. Sua alma deve primeiro ser feita viva. Regenerar é fazer viver para Deus, ou ser despertado da morte espiritual para a nova vida espiritual. A regeneração é a criação de um novo coração ou de uma nova vida interior. Esta mudança ou conversão interior deve vir de fora da própria pessoa, e do Deus do alto. Em outras palavras, uma pessoa deve nascer de novo — nascer do alto — para receber uma nova natureza espiritual e ter novos desejos santos criados dentro do seu coração ou mente. Aqueles que são assim nascidos do alto são ditos serem nascidos de Deus; isto é, eles nasceram espiritualmente para o reino e família de Deus.

206

O reino de Deus compreende todos os membros da Igreja verdadeira ou invisível (Evangelho de João 1:12,13). A não ser que uma pessoa seja nascida do alto (regenerada), ela permanece em absolutas trevas para as verdades espirituais. Essa pessoa não pode entendê-las porque estas verdades requerem discernimento espiritual, ou seja, requer a presença do Espírito Santo para iluminar a mente e o entendimento. É o poder da Palavra e do Espírito que capacita uma pessoa a ver a verdade e a se arrepender de uma vida sem Deus ou de uma vida religiosa com prazo de validade já vencido. Por este mesmo testemunho poderoso à verdade, o homem é levado a crer no Filho de Deus, Jesus Cristo, e a seguir a santidade de vida em um mundo turbulento e saturado de desafios, adversidades e reveses.

Dileto (a) leitor (a), que o Autor da Vida, torne a soprar em nossas narinas, o fôlego de uma substância insólita, excêntrica e singular para que no momento denominado como “pós pandemia”, possamos nos deleitar em Sua segurança e desfrutar do Seu amor e da Sua promessa que garante VIDA ETERNA!

“... soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo” – João 20.22 – Bíblia King James Atualizada.



Fonte: <http://www.paroquiadivino.org.br/>

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. Versão King James atualizada. Oxford UP, 1998.

ALDERETE, João Rafael Assis *et al.* **Afinal, como o coronavírus age no organismo?** 2021. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/102-como-o-coronavirus-age-no-organismo>. Acesso em: 18 ago. 2021.

207

ALMEIDA, João Ferreira de (Trad.) **A Bíblia Sagrada**. rev. e atual. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira, 1993.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 1990.

HALEVI, Judá. Quarto ensaio, sec. 15. In: HALEVI, Yehuda. **O Kuzari**: Em defesa da fé desprezada. Trans. N. Daniel Korobkin. Northvale, NJ: J. Aronson, 1998. p. 226.

HART, D.G.; MARK, A. N. (Eds.). **Dictionary of the Presbyterian & Reformed**: Tradition in America. Phillipsburg: Intervarsity, 2005.

HEAVENLY voice. In: JEWISH Encyclopedia. Disponível em: <https://www.jewishencyclopedia.com/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

NESTOR, James. **Respire**: A Nova Ciência de Uma Arte Perdida. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

PACKER, J. I. **O conhecimento de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

REVISTA os Puritanos, ano 11, n. 3, jul./ set. 2003.

STRONG, Augustus. **Teologia Sistemática**. v. 1, 2. São Paulo: Hagnos, 2003.

UNTERMAN, Alan; HOROWITZ, Rivka. **Ruach ha- Kodesh, Enciclopédia Judaica**.
Jerusalém: Judaica Multimedia / Keter, 1997. CD-ROM